

Evita: uma vida como memória

Rosa Maria da Silva Faria¹
Sônia Cristina Reis²

Este ensaio é produto da apresentação no XVIII Congresso Internacional da ABRALIC, em Salvador, no qual foi apresentado o trabalho "Evita: uma vida como memória" cujo cerne era a discussão sobre o mito de Eva Duarte Perón, a Evita, assim como sua notória influência no imaginário social ideológico, político e cultural que gera, ainda hoje, certa polêmica de resistência e adesões, de igual intensidade, em torno desta figura feminina. Sua representação se apresenta no campo literário argentino articulando sua imagem mítica aos debates que se vinculam ao campo cultural argentino. Considerando que o mito de Evita estabelece relações com campo literário e, a partir disso, promove articulações entre ideologia, mito e história, entendidos como construção discursiva, essa personalidade pública tem sido relida e inserida em debates narrativos e culturais, desde sua morte em 1952, consolidando-se como mito popular na Argentina.

Seu corpo se converteu em símbolo de reivindicação de igualdade de direitos para as classes populares, mulheres e postergados sociais. A escrita, neste caso, atua como ferramenta de resgate da memória do mito que integra uma cultura, uma memória e uma história, como apontam Roland Barthes (2007) em *Mitologias* e Maurice Halbwachs (2003) em *Memória coletiva*, a lembrança é produto de um processo coletivo, que se insere num contexto social específico argentino. Pretendemos, então, por meio do reconhecimento e da reconstrução da biografia de Evita, retomar algumas lembranças, não só, de suas relações sociais, como também de ideias e sentimentos compartilhados, naquele momento da história argentina. Como afirma Jeanne Gagnebin (2006) em *Lembrar escrever esquecer* é preciso manter a memória para manter a palavra, as histórias que ajudam os homens a se lembrarem do passado e, também, a não se esquecerem do futuro. Entendemos, portanto, que a função primordial da memória, como imagem partilhada do passado, é promover um laço de filiação

¹Graduada em Letras Português/Francês (UFRJ) e Letras Português/Espanhol (UFRJ), Mestre em Educação (FE/UFRJ), Doutorado em Literaturas Hispânicas pelo Departamento de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (URFJ) e docente pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ). E-mail: rosamariadasilvafaria@gmail.com

² Doutora em Letras Neolatinas, Literatura Italiana (UFRJ) Professora Associada de Letras Italianas (UFRJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da UFRJ, desenvolve projetos de pesquisa Alberto Savinio: a poética e a arte italiana. É co-líder do grupo de pesquisa "Estéticas de Fim-de-Século" e vice-coordenadora (2020-2022) do GT de Teorias da Narrativa da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística. E-mail: sonia.kapps.reis@letras.ufrj.br

entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo. “A escrita deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras” (GAGNEBIN, 2006, p.11).

A ficção constrói o mito literário desta mulher tomando seu corpo como símbolo e reconhecimento de gênero, de direitos trabalhistas e de amparo social. No romance *Santa Evita* (1996), Tomás Eloy Martínez põe em cena o incontestável: o destino de Evita estreitamente conectado à história de seu país. Mesclando ficção e história, o autor instiga questionamentos sobre fatos históricos e políticos omitidos pela nação argentina, revisitando o debate literário, com base no jornalismo, apresentando o personagem histórico Evita respaldado pela ficção, por testemunhos e documentos que fundamentem sua narrativa.

O jornalista, escritor e intelectual Tomás Eloy Martínez, inúmeras vezes, destacou que Evita nunca deixará de ressuscitar, portanto referir-se à Evita literária significa falar de um personagem histórico cujo corpo estabelece um paralelo com a história da Argentina, ressignificando-se a cada debate. Ainda, segundo o autor, não se pode dialogar com a história como verdade, mas como cultura e tradição, sendo a ficção um ato de liberdade extrema, pondo a história em ação com os fatos e os personagens e, ao contrário dos historiadores, que trabalham com documentos, a ficção trabalha com as paixões humanas. Em *El sueño argentino*, (1999) o autor afirma que o corpo de Evita “foi convertido em troféu. Deixou de ser um corpo, de ser uma pessoa, para ser somente o objeto obscuro (ou luminoso) de um desejo que estava em todos, mas que não era, em todos, o mesmo desejo” (MARTÍNEZ, 1999, p. 357)³.

No romance *Santa Evita*, Tomás Eloy Martínez, vinculando literatura e história, examinou o passado indagando as repercussões para a cultura argentina dos complexos processos sociais, históricos e ideológicos postos em jogo durante o período político militar, propondo assim uma releitura do passado e/ou daquela realidade histórica. A literatura política, tão vinculada à tradição e história argentina, se apresenta na escrita de Tomás Eloy Martínez como um trabalho de transição para um momento de superação dos ideais militares representativo da fase democrática da vida social e política. História, biografia e testemunho se entrecruzam na obra *Santa Evita*, uma vez que consiste no resultado de pesquisas do autor em relação aos temas tratados e contextualizam uma série de depoimentos de personagens que possuem relação factual. O próprio personagem Tomás Eloy Martínez, na obra, dá seu testemunho do fato de lidar com pessoas ou elementos relativos à vida e à vida póstuma de Eva Perón.

³El cuerpo fue convertido en trofeo. Dejó de ser un cuerpo, de ser una persona, para ser sólo el objeto oscuro (o luminoso) de un deseo que estaba en todos, pero que no era, en todos, el mismo deseo” (MARTÍNEZ, 1999, p. 357).

Evita se constituiu como mito e figura política estratégica para o campo intelectual e cultural argentino e tomando como referência o romance *Santa Evita*, de Tomás Eloy Martínez, evidencia-se que a literatura revisa e problematiza esse mito, tomando seu corpo como símbolo de disputas literárias e políticas, assim como de reconhecimento de direitos trabalhistas, sociais e de gênero, repercutindo no posicionamento do campo intelectual e literário argentino. Logo, escrever sobre a figura de Evita implica em distintos objetivos, conotações e representações literárias.

Considerando a identificação das massas com a figura de Evita, recorremos a Halbwachs (2003) ao ponderar que a memória coletiva é o lugar de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço. Para o autor a identidade coletiva antecede a memória, determinando seu conteúdo e considerando a estabilidade e coerência desta identidade. Halbwachs(2003) aponta, ainda, que é o indivíduo que recorda, destacando que o faz enquanto membro de um determinado grupo social. Em outras palavras, é a partir das relações sociais que as pessoas constroem as suas memórias e é também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias. Segundo o mesmo autor, todos os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu próprio passado coletivo e essa memória é indissociável da manutenção de um sentimento de identidade, que permite identificar o grupo e distingui-lo dos demais. As memórias persistem porque fazem parte de um conjunto de valores e significados comuns a todos os membros do grupo, à medida que o imaginário que cada um tem do passado está submetido a padrões coletivos.

Para Maurice Halbwachs (2003), a memória é um movimento constante e preservação que ainda está vivo na consciência coletiva, fazendo da história uma ponte entre o passado e o presente, na tentativa de restabelecer a continuidade interrompida em algum momento. Desse modo, podemos entender que a lembrança se respalda social e historicamente, reconstruindo eventos pretéritos a partir de elementos que existem no presente. Susana Rosano (2006) em *Rostros y máscaras de Eva Perón. Imaginario populista y representación*, confirma a consolidação da imagem de Evita como parte indissociável da história e do imaginário argentino, logo é possível afirmar que o corpo de Evita, vivo ou morto, ultrapassou os mecanismos de controle de Estado peronista. Ela conseguiu fundir-se às massas e adquirir o status de mito no imaginário popular argentino.

Eva Duarte Perón simboliza para a Argentina um corpo incorruptível, que resiste a ser enterrado e cujo cadáver segue a salvo da passagem do tempo com base em imagens, figurações e representações enraizadas ao campo literário argentino. Embora tenha sofrido com a doença que a acometeu precocemente, permanece na memória coletiva marcada pela

imagem que sua morte consolidou, da militante bastarda, apaixonada pelos deserdados e pela justiça social. Maurice Halbwachs (2003) em, *Memória coletiva*, destaca que para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saiam da indiferença, que deixem o domínio da insignificância, caracterizando a memória como o que ainda vive na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade. A escrita, desse modo, traz a lembrança como produto de um processo coletivo, que é inserido num contexto social específico argentino. A memória coletiva “não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 2003, p. 102).

A *Evita* literária se configura como representação de uma identidade nacional revalorizada pela ficção seja por seu passado seja pelas relações sociais implicadas na relação que se estabelece entre memória e esquecimento. A literatura retoma e ficcionaliza a macabra história deste corpo político em versões que vão do assombro à raiva, do ódio à paródica santificação. Ao unir-se a Juan Domingo Perón, a figura de Eva ganhou destaque social instigando a multiplicidade discursiva que confirmou sua importância histórica tornando inevitável revisitá-la frequentemente nos discursos contemporâneos. Sua relevância histórica e seu legado como fenômeno social delinearam a construção do mito *Evita* e suas variadas representações. Em suma, a literatura revisita a imagem que se construiu em torno de Eva Duarte Perón e permite que escritores e intelectuais ampliem e reformulem a disputa narrativa em torno de sua figura literária. Desse modo, surgiu uma *Eva* baseada em discursos, intertextos e imagens que a conduziram à vida e ao campo de disputas entre o real e o simbólico.

O mito permite revelar o pensamento social e as relações dos indivíduos entre si e com o mundo que os cerca. No caso de *Eva Perón*, revela os sentimentos e desejos dos desvalidos, mulheres e trabalhadores que a viam como canal para que desfrutassem da possibilidade de visibilidade social, alguns chegando ao limite de santificá-la. Os mitos se apresentam como uma narrativa, um discurso, uma fala, uma crença, real ou imaginária, representativos de buscas por sentidos e experiências de difícil explicação. Sendo assim, tomamos como referência sobre a construção da imagem mítica de *Evita* as contribuições de Roland Barthes (2007), em *Mitologias*, uma vez que trabalha a construção do mito como produto de representações da vida cotidiana aceitas por uma comunidade. Ainda segundo o autor, o mito pode ser definido como uma forma, uma fala, uma linguagem ou uma mensagem. Tudo que é falado pode transformar-se em mito, ainda que os enunciados alcancem as sociedades pelos mais distintos meios, sendo estes os responsáveis pela consolidação do sentido mítico. Nas

palavras de Barthes (2007), a produção literária, nesta perspectiva, atua como ferramenta de preservação da memória do mito que integra uma cultura e uma história.

Destacamos, ainda, que além da literatura ficcional se multiplicaram outras formas artísticas que fazem emergir a figura e a simbologia do mito Evita como: peça teatral, musical, filmes e poesias⁴. Até os dias atuais não é difícil se deparar pelas ruas com sua imagem em estátuas, pinturas e cartazes. Na Avenida Nove de Julho, uma das principais na cidade de Buenos Aires, há dois murais de Eva Perón no prédio do Ministério de Assistência Social. Em frente à Biblioteca Nacional, onde foi a residência presidencial até 1955, há uma escultura do artista Fernando Pugliese de Eva de mãos dadas com Perón. Em 2002, ano do 50º aniversário de falecimento de Evita, foi inaugurado o *Museo Evita* onde se encontram objetos que a pertenceram: vestuário, artigos pessoais, material gráfico, lembranças familiares, e condecorações. Cultuada como a mãe dos pobres durante o peronismo, protagonizado por Juan Domingo Perón, ela segue no imaginário popular como aquela que defendeu os interesses dos oprimidos da Argentina. Em suma, ressaltamos que todas essas obras tem como finalidade retomar a questão primordial da memória coletiva de Eva Duarte Perón, a Evita, no imaginário da nação argentina.

A literatura, nosso campo de investigação, assim como outras expressões artísticas, apresentam as distintas “Evitas” a partir das tensões políticas e ideológicas geradas por sua figura. Considerando a importância do resgate desta memória coletiva, ressaltamos que entre os anos 1940 e 1950 prevaleceu o posicionamento antiperonista; entre 1960 e 1970 pretende-se rever esse olhar repulsivo sobre o peronismo revisitando sua exaltação como *la abandera de los humildes*, *la madre protetora*. Já nos anos 1980 e 1990 a literatura se apresenta como um campo de resistência, de reconstrução de um passado destituído pela cultura do medo, de retomada da memória social da Argentina. Como destaca Beatriz Sarlo (2005), em *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*, Evita se converteu em distintos mitos, após sua morte: da providente, da mediadora entre o povo e Perón e da combativa e militante.

⁴A **peça** *Eva Perón* (1970) de Copi que impacta por apresentá-la como trans, o **musical** *Evita* (1976) de Andrew Lloyd Weber e Tim Rice e os **poemas** *Eva Perón en la hoguera* (1972) de Leónidas Lamborghini e *Eva* (1976) de María Elena Walsh. A **indústria cinematográfica** conta com produções como: *Eva Perón* (1996) de Juan Carlos Desanzo e *Evita* (1996) de Alan Parker; os **documentários** *Evita, una bandera* (1995) de Eduardo Walger, *Evita, la tumba sin paz* (1997) de Tristán Bauer; e os vídeos *Eva Perón y la cultura peronista* produção do canal Encuentro (2013) e *Filosofía aquí y ahora – La muerte de Eva Perón* de José Pablo Feinmann (2014). E, mais recentemente o **filme de animação** *Eva de la Argentina* (2011) de María Seoane e *Eva no duerme* (2015) de Pablo Agüero. Na **literatura ficcional**, pode-se ter acesso a produções como: *Ella* de Juan Carlos Onetti (1940), *El simulacro* (1960) de Jorge Luiz Borges, *La señora muerta* (1963) de David Viñas, *Esa mujer* (1965) de Rodolfo Walsh, *Encerrar la dama* de Guillermo Rodríguez (1981), *Los demonios ocultos* de Abel Posse (1987), *Roberto y Eva: historia de un amor argentino* de Guillermo Saccomanno (1989), *El cadáver imposible* (1992) de Juan Pablo Feinmann, *La pasión según Eva* (1994) de Abel Posse, *Santa Evita* (1995) de Tomás Eloy Martínez, *Eva de América* (1995) de Osvaldo Guglielmino, *Placeres de la necrofilia* (1997) de Mario Vargas Llosa, *Evita Vive* (2001) Nestor Perlongher. As datas fazem referência às primeiras edições.

Em inúmeras ficções, seu cadáver se tornou um mito literário que circulava na proposta política e combativa dos anos sessenta. De acordo com María José Punte (2011), em *Los únicos privilegiados: rastros de las políticas sociales del primer peronismo en las obras de Osvaldo Soriano y Daniel Santoro*, a relação do peronismo com a literatura foi árdua em razão das desavenças entre o campo político e o intelectual. É possível, portanto, afirmar que, depois de morta, ou depois de realizada a obra *Evita*, ela passou a ser relida, reproduzida, passou a ser de domínio público. Os próprios meios de comunicação de massa a eternizaram, permitindo que sua imagem continue se propagando nas histórias da Nação Argentina. “*Evita* deixou de ser um produto de Juan Perón, ou do cabeleireiro que inventou seu penteado. Foi um produto de Eva Duarte e é, ainda hoje, um produto de todos. *Evita* jamais descansará em paz” (JASINSKI, 2006, p.288).

O campo literário revisou sua figura com minúcia permitindo que, uma vez morta, seu mito não só revivesse com maior potência, mas que adquirisse um caráter polimórfico. *Pós mortem* *Evita* se converteu na representação da proposta política e aguerrida dos anos 1970, quando jovens militantes tomam sua imagem como símbolo de resistência à ditadura militar, instigando produções que, baseadas em sua trajetória pessoal e política e seu sepultamento, se estabeleceram como posicionamentos políticos e ideológicos. Os múltiplos olhares narram sua complexidade, pois, tanto o mito de sua figura pública quanto o de sua pessoa, foram em si mesmos o combustível que perpetuou sua permanência na memória nacional e internacional.

Em *Peronismo y cultura de izquierda*, Carlos Altamirano (2013) aponta que a ficcionalização do peronismo é muito frequente na literatura argentina, desde a década de 1950 incorporando a multiplicidade de vozes e ideologias que constroem discursivamente imagens de *Evita* e do peronismo, fazendo com que a figura de Eva Perón desperte paixões e repulsa em níveis idênticos. Com sua morte, observa-se a construção do processo de mitificação de seu corpo, desde o velório até o embalsamento do cadáver, chegando ao ápice com o desaparecimento de seu corpo quando militares invadem o edifício da CGT, onde estava guardado. O embalsamento do cadáver de *Evita* conseguiu preservar no imaginário coletivo um corpo belo e incólume à doença, constituindo-se como mito sob a presunção de que *Evita* seguia viva como estandarte do movimento peronista e símbolo de luta e resistência das classes populares, dos trabalhadores e das mulheres. Conforme Laura Ehrlich & Sandra Gayol (2018) em *Las vidas post mortem de Eva Perón: cuerpo, ausencia y biografías en las revistas de masas de Argentina*, nos anos 1970, as reconstruções históricas da vida de *Evita* se multiplicaram. A indústria cultural ressignificou sua imagem e converteu os aniversários de

sua morte, relegados desde 1956 aos círculos militantes, em evento político e jornalístico de reconhecimento.

Considerando o tema norteador e a discussão levantada para conduzi-lo, é possível afirmar que Evita sobreviveu e sobrevive na memória dos argentinos por meio de distintas narrativas. Tanto “Eva Duarte Perón” como “Evita”, representam para a política da Argentina um ícone que surte efeito no povo argentino até os dias atuais. Evita foi adorada e odiada em níveis extremos, sendo considerada “santa” para alguns e “mito” para outros. Na perspectiva de Maurice Halbwachs (2003) a memória coletiva se baseia na identidade e legitimidade de um grupo e na lembrança histórica que gira em torno do evento fundador que rege essa recordação. Nesse sentido, compreendemos como o governo peronista fundou uma memória com a qual se identificaram diversos setores da sociedade, jogando para o esquecimento os acontecimentos anteriores e posteriores ao regime, pois estavam dissociados de uma existência coletiva. Nas palavras de María Seoane e Víctor Santa María (2019),

Evita voltou muitas vezes. Ela sobreviveu à sua morte, sobreviveu aos avatares do ódio, sobreviveu na memória dos argentinos e dos cidadãos do mundo. Tomaram-na como bandeira dos trabalhadores, dos sindicatos, dos jovens dos anos setenta, mas também dos escritores, jornalistas, intelectuais e artistas abraçaram-na, analisaram-na, defenderam-na, mas todos sem exceção imortalizaram-na em textos, monumentos, obras de teatro, filmes, livros, canções e poemas. (SEOANE & SANTA MARÍA, 2019, p. 170)⁵.

Embora tenha sofrido com a doença que a acometeu, por sua morte prematura, Eva permanece única, como uma luz que não se apaga, um presente constante marcado pela imagem que sua morte consolidou, da militante bastarda, apaixonada pelos deserdados e pela justiça social. Eva foi um grande personagem da história argentina e deixou sua presença gravada para sempre, ela se uniu aos pobres, aos trabalhadores, as mulheres e toda sorte de indivíduos socialmente desvalorizados para constituir seu poder político, sua imagem mítica e promover a mudança social e política demandada pelas massas. Evita se estabeleceu como mito na Argentina, tanto em vida quanto após sua morte. Seu corpo simboliza não só um campo de conflitos e debates ideológicos, sociais, políticos e intelectuais, mas também uma bandeira de lutas por reconhecimento de classe, gênero, direitos trabalhistas e amparo social. Como primeira-dama, foi protagonista de uma trajetória que deixou marcas significativas

⁵Evita volvió una y otra vez. Ella sobrevivió a su muerte, sobrevivió a los avatares del odio, sobrevivió en la memoria de los argentinos y de los ciudadanos del mundo. La tomaron como bandera los obreros, los sindicatos, los jóvenes del setenta, pero también los escritores, periodistas, intelectuales y artistas la abrazaron, la analizaron, la defendieron, pero todos sin excepción la inmortalizaron en textos, monumentos, obras de teatro, películas, libros, canciones y poemas. (SEOANE & SANTA MARÍA, 2019, p. 170).

tanto em âmbito político quanto social, pois conseguiu agregar-se às classes populares e alcançar notoriedade e magnitude no imaginário popular argentino, conseguindo ser converter-se em uma figura politicamente estratégica.

REFERÊNCIAS

ALTAMIRANO, Carlos. *Peronismo y cultura de izquierda*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno, Pedro Souza e Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

EHRlich, Laura & GAYOL, Sandra. Las vidas post mortem de Eva Perón: cuerpo, ausencia y biografías en las revistas de masas de Argentina. *Historia Crítica*, n.70, p.111-131, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/histcrit70.2018.06> . Acesso em: 01 ag. 2023.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

JASINSKI, Isabel. Santa Evita: uma vida como espetáculo. *Literatura Hispano-Americana*, v. III, p. 282-289, 2006.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Santa Evita*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Planeta De Agostini, 2004.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *El sueño argentino*. Grupo Editorial Planeta, Buenos Aires, 1999.

PUNTE, María José. Los únicos privilegiados: rastros de las políticas sociales del primer peronismo en las obras de Osvaldo Soriano y Daniel Santoro. *Imagonautas*, nº1, p. 4-26, 2011.

ROSANO, Susana. *Rostros y máscaras de Eva Perón. Imaginario populista y representación*. Rosario, Beatriz Viterbo, Colección Ensayos críticos, 2006.

SARLO, Beatriz. *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte UFMG, 2005.

SEOANE, María & SANTA MARÍA, Víctor. *Eva Perón, esa mujer*. Editorial Octubre, 2019.